



Lusco-fusco: natureza, magia e episteme utópica em encontros Rainbow¹

Noa Cykman²

“Sin utopía, la vida seria un ensayo para la muerte”

(Joan Manoel Serrat)

A utopia está no horizonte: o desejo absoluto; a melhor imagem da imaginação. Ponto máximo aonde a imaginação é capaz de levar o desejo, ou aonde o desejo é capaz de fazer estender a imaginação. A utopia nasce da perspectiva crítica sobre a sociedade atual, portanto é criada no presente. Lança-se o desejo ao horizonte; de lá, ele rebate sobre o olhar, provocando uma alteração da postura atual. (Uma utopia sem dinheiro: critico o dinheiro existente, visito um horizonte sem dinheiro, retorno do horizonte e, a partir dele, busco formas de viver e de construir uma sociedade sem dinheiro. Uma utopia de justiça: vejo a desigualdade, desejo uma sociedade justa: lanço-a ao horizonte de minha imaginação, e, com a luz que dele reflete, construo o presente.) A utopia tem, portanto, aspecto positivo: inspira a ação, produz ação orientada pelo desejo. Com Carla Ferro (2017, p. 11):

¹ Este artigo deriva de minha dissertação de mestrado, intitulada “Limites do horizonte: cartografia de uma episteme utópica em encontros Rainbow”, a partir da qual sigo a desenvolver, aqui, o desenho de tal episteme.

² Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC (2014), e mestra em Sociologia Política, UFSC (2019).

A utopia me parece ser, aí, não mais uma utopia estatal que faz apelo a um melhor funcionamento da nossa organização social, mas uma utopia imanente, uma zona de instabilidade onde uma maior diferença de energia potencial causa uma perturbação na ordem dos fluxos e das interações. O impossível se revelaria, assim, uma espécie de nascente de novos possíveis. No limite deste mundo que conhecemos.

A utopia pode movimentar o plano social, organizacional, concreto, como, também, a imagem do pensamento, da consciência; o invisível. Foucault a situa no espelho:

No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou [...] (FOUCAULT, 1984, p. 415).

A utopia funciona, assim, como um dispositivo reflexivo para a criação do que ainda não é, mas pode vir a ser; mecanismo para multiplicar as nuvens de virtualidades que circundam o atual (DELEUZE, 1996) e fazê-las chover. Assim, as iniciativas que situam um desejo no horizonte e organizam a experiência para aproximar-se dele podem ser consideradas experiências utópicas – coletivos, comunidades, ecovilas, movimentos sociais, escolas democráticas, hortas urbanas etc. (bem como experiências desenvolvimentistas, modernizadoras, nazistas; a utopia de uns pode ser a distopia de outros). Se a utopia é o horizonte, a experiência utópica é o passo que caminha em sua direção. Se a utopia está no fundo do espelho, a experiência utópica é o ato de olhá-lo, e, perante e junto à imagem, mudar. Se a sociedade cotidiana é uma máquina de repetição, a experiência utópica é o laboratório do novo.

Esta pesquisa teve o intuito de observar uma experiência utópica contemporânea para sondar traços de uma episteme utópica concomitante. Os *encontros Rainbow* foram escolhidos como utopia exemplar, por deliberadamente experimental, marginal, e

ativamente voltada à construção e à vivência de um modelo social distinto do vivido na sociedade hegemônica, orientada à coletividade, à cooperação, à liberdade, ao amor. As novas práticas (ou antigas, que retornam em espiral) são indicadoras de uma nova episteme, porquanto as relações de poder estão sempre refletidas e imbricadas nas relações de saber (FOUCAULT, 2010; 2013).

Os encontros Rainbow são realizados pela “família Rainbow” (*Rainbow Family of Living Light*, Família Arco-íris da Luz Vivente): uma família em sentido lato, cujos “não-membros” encontram-se espalhados pelo mundo – quem quer que se identifique, faz parte. A comunidade nômade realiza encontros esporádicos de 28 dias de duração (de uma lua nova à próxima), em recintos de natureza próspera, afastados da vida urbana. Cada encontro se faz com pessoas diferentes, em locais diferentes (hoje, há sempre dois ou mais encontros concomitantes no mundo). Cada encontro conforma um contexto para a experimentação de uma vida anárquica, em comunhão entre humanos e com a natureza.

Acampa-se em barracas, e toma-se banho em rios ou cachoeiras do local. Monta-se uma cozinha comunitária, onde são preparadas duas refeições coletivas por dia, de forma voluntária e espontânea. As refeições são oferecidas de modo incondicional, sem necessidade de troca financeira (“traga um prato e comerás, traga um copo e beberás”). Os custos são cobertos de forma coletiva e também voluntária, através de arrecadações do “chapéu mágico”. Rodas reúnem o encontro em torno do fogo para a partilha cerimonial do alimento.

A “anarquia orgânica”, como é chamada, funciona para toda a organização e sustentação do encontro – para as refeições, para a manutenção dos fogos (o fogo central e o fogo da cozinha), para a escavação dos “cagamores” (que funcionam como banheiros secos), e para toda atividade que seja realizada. Oficinas, aulas e saberes diversos são ofertados de forma livre. Decisões e conflitos são tratados em rodas de conversa, também horizontais, orientadas ao consenso.

O primeiro encontro Rainbow ocorreu em 1972, nos Estados Unidos – eco do woodstock, da contracultura, do ciganismo, do paganismo, entre inúmeras influências, impassíveis de um elenco exaustivo (NIMAN, 1997) – e se espalhou por todos os continentes ao longo dos anos que se seguiram. Como linha de fuga da dinâmica das cidades capitalistas, o “Rainbow é um encontro de tribos, comunidades e indivíduos que querem o natural, o alternativo, fora dos quadros sociais, com coletividade, participação” (Gopal,

2016). Pérez (2016, p. 8) descreve “uma realidade lúdica, fraterna e em harmonia com a natureza”. Do diário coletivo (2018) – explicado adiante –, alguém coloca:

O Arco-íris é para mim uma bela porta entreaberta para um mundo onde todo mundo poderia ir abastecer-se no espaço de um dia, uma semana, um ciclo lunar. Essa porta te permite aproximar-se das bases fundamentais de nossa vida em comum [“vie à tous”]. [...] Amor pelo abraço, pelo sorriso, pelo olhar, pela música. É um lugar que te recarrega, te ensina ou te recorda as bases da vida em comunidade (Diário coletivo, 2018).

Escapando à aspiração de homogeneidade, que é um mote do espírito moderno, o Rainbow participa do fenômeno contemporâneo de exposição e multiplicação dos possíveis. No lusco-fusco entre o iluminismo racional e o céu estrelado, o encontro e a convivência de diversas tradições, narrativas e saberes, conformam, em sua heterodoxia, um campo comum.

Uma sincrética espiritualidade se faz presente no Rainbow, em práticas, cantos, conhecimentos provenientes de diversas culturas (indígenas, hinduístas, maias, umbandistas, xamânicas etc.), reunidas em torno da compreensão mais pagã e holística das forças da natureza e do cosmos como divinas. Do diário coletivo (2018): “Rainbow é a união da família cósmica para a cura individual coletiva”. “Rainbow é um reencontro de almas que vieram curar a Terra”. “Vive-se e se compartilha a busca de liberdade. Um encontro cósmico com a unidade” (Tincho). “É a celebração da vida, é a coisa mais sagrada que temos, eu penso. Não é só o encontro – é tudo; e, juntos, é como dançar com Deus. Tudo” (Shay, 2016, tradução minha)³.

Epicentro desse “holismo sincrético”, o amor é compreendido como a condição natural e original do universo. Sendo um mediador universal, é o maior princípio ético. Sendo a natureza vivida como uma grande mistura divina, cada existência é considerada preciosa pelo que é, com lugar e valor inerentes. Assim, a cada pessoa que chega ao Rainbow é dado reconhecimento e pertencimento a priori. Em lugar da atitude negativa, repressiva, de exigências e obrigações (inclusive sob ameaças) da sociedade dominante, experimenta-se, no Rainbow, a positividade: cada pessoa é convidada a compartilhar o

³ *“It’s the celebration of life, it’s the most sacred thing we have, I think. It’s not just the meeting – it’s everything. And together it’s like dancing with God. Everything”.*

que dispõe. “Para a missão água, alimento, mas também para animação, medicina; tua fala, teu ser – tua presença é um impacto nesta família” (Diário coletivo, 2018). O Rainbow é um laboratório da vida vivida com base em liberdade e confiança nas relações.

O princípio de “família” sintetiza tais disposições, e traz implícito o espírito dessa forma distinta de vida social onde a pertença e a comunidade são incondicionais e a fraternidade e o compartilhamento são pressupostos. As relações familiares envolvem também seres não-humanos (a Terra/Pachamama; os elementos terra, ar, água, fogo; entidades; divindades; animais etc.), tratados com respeito e cuidado iguais (ou maiores) que aqueles dedicados aos humanos. “Ser família é sentir-se” (Diário coletivo, 2018). “Aqui criamos outra maneira de nos relacionar. Com as pessoas, com o alimento, com a mãe terra. Todas essas relações se dão com respeito e amor” (Mônica, Diário coletivo, 2018).

As relações sociais e cognitivas que se entretecem no Rainbow são insufladas por uma aposta utópica: que a anarquia é o estado natural do cosmos, cujo funcionamento se revela mágico, quando regido pelo amor.

Segundo uma das vozes do diário coletivo, o Rainbow

É uma perfeita oportunidade para experienciar a vida em comunidade, conectando com nossas raízes, onde todas as pessoas são bem vindas, livres e iguais, tudo é compartilhado e cada pessoa faz sua parte e trabalha junto, de modo que a vida no Rainbow flui graciosamente em amor e unidade (Diário coletivo, 2018).

Ressalve-se que o Rainbow é regado a tensões e disputas, como toda sociedade humana. Os conflitos e problemas encontrados não divergem substancialmente daqueles da sociedade hegemônica, entretanto a compreensão dos mesmos e seu encaminhamento se fazem de formas fundamentalmente distintas. Em princípio, assume-se que condutas violentas ou desonestas sejam elas mesmas fruto de feridas e traumas anteriores, e que requerem não outras doses de violência, repressão, mas, sim, acolhimento, amor e cura.

Minha pesquisa se fez na imersão em seis desses encontros, em cinco países (Brasil, Itália/Eslovênia, Áustria, França, Israel, em 2016, e novamente Brasil, em 2018). Meu objetivo foi observar e elaborar alguns aspectos típicos das novas relações de saber-poder vivenciadas nesses encontros (excepcionais quando comparadas à sociedade dominante, todavia similares às de inúmeras outras comunidades e experiências sociais, antigas e

contemporâneas). A episteme ali em voga participa do “retorno do saber”, descrito por Foucault como a insurreição, desde meados do século XX, de saberes historicamente exilados da verdade ocidental.

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica que os pretende depurar, hierarquizar, ordenar em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome de uma ciência detida por alguns (FOUCAULT, 2013, p. 268).

O modo de vida/saber do Rainbow também encontra ressonância teórica na “epistemologia liminar”, definida por Walter Mignolo (2003) como aquela que resiste nos interstícios entre o modelo moderno/colonial e as epistemes dos “Outros”, historicamente sujeitas à colonização. O “pluriverso” sugerido por Arturo Escobar (2014) oferece um espaço confortável à elaboração e à existência da episteme corrente no Rainbow: contra um “realismo epistemológico”, a ideia da “relacionalidade” radical, ou seja, de que toda existência é plural, comum, inter-existente (o budismo é uma fonte mais antiga dessa ideia).

A partir da crítica ao exclusivismo da episteme moderna, que considera a via da razão técnica, da medida e da ciência como a única legítima para produzir conhecimento, minha pesquisa buscou sondar e abrir tudo quanto encontrasse em torno a essa ilha; outros arquipélagos, o oceano, a vida submarina. Desertando da modernidade (ou cultivando o que permaneceu alheio), a experiência do Rainbow aponta a uma forma de vida/saber cujo centro não está no racional nem no humano. Se a modernidade realiza uma “unificação ontológica” sob a “grande narrativa épica do progresso e da emancipação” (SZTUTMANN, 2018), o Rainbow é um dos fenômenos contemporâneos de bifurcação, proliferação, que traz à vista a vastidão das possibilidades e o funcionamento prático de outras narrativas. Fora da razão, em paralelo a ela ou colaborativamente, o sentimento, a intuição, o afeto, o lúdico, o orgânico, o mágico, o coletivo assumem lugares importantes na constituição do saber e da experiência social.

Sob a inspiração antimetodológica da “cartografia social”, desenvolvida desde a filosofia de Deleuze e Guattari (1995) (ROLNIK, 1989; ESCÓSSIA; KASTRUP; PASSOS, 2009), assumi a subjetividade e a impermanência como aspectos imanentes à pesquisa, e vivi-a como uma experiência tanto teórica quanto pessoal. Minha imersão nos encontros se fez praticamente sem protocolo, e, na medida em que o método se fez com o

caminhar, busquei mantê-lo em sintonia com a efervescência criativa do que transcende ou acompanha o racional e abriga a aventura, o encontro. Sem pretensão de me separar do objeto (ou sujeitos) de estudo, optei pelo envolvimento como premissa epistemológica. Além da própria vivência e das trocas espontâneas, mantive um diário pessoal, realizei entrevistas sem roteiro, e, no último encontro em que estive (Brasil, 2018), deixei circular um “diário coletivo” – um caderno que passou de mão em mão para recolher mensagens – de onde pude ler e incorporar narrativas alheias (assinadas individualmente ou não).

Aliando minha sensibilidade ao além-de-mim (a outros humanos, às presenças que compõem a natureza) desenhei um conjunto de características típicas e princípios fundamentais que orientam a experiência Rainbow, e que permitem que essa comunidade livre e amorfa se mantenha e se multiplique pelo espaço e pelo tempo, de forma a cultivar e amadurecer a prática humana da “anarquia orgânica”. A escrita sobre o tema é uma espécie de oximoro, visto que a episteme por descrever consiste justamente no alargamento dos modos de saber para além da razão e da linguagem; são pertinentes, portanto, a poesia, a arte, a sensibilidade e outras formas de experimentação no texto.

Para pô-lo de forma racional, ordenada, os aspectos observados no Rainbow (em relação e mutuamente implicados) situam-se na zona que segue: no âmbito social, a liberdade e a organicidade na distribuição do trabalho e das atividades sociais; a relação de respeito, cuidado e participação com a/na natureza; o amor como baluarte das relações (não apenas humanas); a espiritualidade como prática de conexão, e a (re)integração ao cosmos como um processo espiritual de cura pessoal e coletiva.

No âmbito epistemológico (em inextricável mistura com o social), destacam-se: a relação e o sentimento de participação na natureza (o humano integrado, misturado); a posição da humanidade no cosmos como parte de um continuum subjetivo e inteligente, não como uma exceção distinta; vastas esferas de pertencimento (natureza, planeta, cosmos, universo) como círculos da unidade; a percepção e a experiência da unidade como múltipla e sincrética (a ideia do “arco-íris” o sugere: todas as cores unidas); a compreensão da realidade além do mundo mecânico (nas esferas energética e espiritual, compreendidas como anteriores à matéria); um “anarquismo epistemológico” dos sentidos, onde a razão não tem primazia, e diversas esferas da sensibilidade (intuição, afeto, arte, espírito etc.) têm legitimidade e importância nas escolhas e ações; por fim, um saber que não visa dominar, mas integrar – e, integrando-se, criar.

Como linhas de fuga do racionalismo, portas de entrada de e para outras percepções: poesia, natureza, espiritualidade, magia, nomadismo.

Poesia: atitude espalhada pelas flores, ondas, pelas pessoas nômades que têm tempo para pousar o olhar e beber do que veem, e cantar aos ventos e à água, e brincar como crianças.

Natureza: tudo o que nasce⁴; integrar-se: arte de estar. “O cosmos – isto é, a *natureza* – não é a fundação das coisas, é sua mistura, sua respiração, o movimento que anima sua compenetração” (COCCIA, 2018, pp. 71-72, grifo do autor). As plantas, a água, os ecossistemas, o corpo humano, sistemas solares, sociedades... Cada existência nascida é viva e inteligente, dotada de memória e sentimento, intencionalidade. “[...] o universo é a comunhão de sujeitos, não uma coleção de objetos” (BERRY, 2006, p. 17).

Espiritualidade: experiência da participação – sentir-se partícula da unidade e unidade de partículas. Conexão de dentro ao além-de-si, comunhão com tudo: amor. A espiritualidade, ou a fé, poderia considerar-se a contraparte interna na construção do conhecimento. Ceticismo ao objetivo, celebração do subjetivo – todo-poderoso ser vivo; a perspectiva flexiona a realidade ao olhar.

Magia: fluxo consciente de energia; materialidade do pensamento. A vibração do desejo atinge o mundo e o transforma. “Arte das mudanças” (MAUSS, 2003), “arte da imanência” (SZTUTMAN, 2018), “a arte e a ciência de alterar a realidade através da intenção” (CROWLEY, 1991). A palavra vai além do texto – a palavra como agente na trama das coisas; o sujeito-deus que conjuga o mundo através do verbo. Operação de comando do enunciado sobre o visível. Em vez da visão muda, da fala cega: escutar o visível, tocar nas palavras. Outras comunicações, para além do dito; outras visões, para além do exposto.

Nomadismo intensivo: estratos de linguagens e máquinas onde nada é inerte ou estável; diversos modos de existência em trânsito participando da articulação do que se conforma – visíveis (animais, plantas, luzes), invisíveis (espíritos, ideias, entidades, divindades), híbridos e outros. Distribuição orgânica da realidade (a lenha devém fogo, cinza, a casca devém composto, terra) – também quanto aos virtuais (o sonho devém jogo, ensaio, a ideia devém verbo, fato, o viajante devém cozinheiro, música): o devir é invocado e se produz como efeito natural da conjunção inordenável dos desejos.

⁴ Do latim, *natura* – *natus*, nascido, + *urus*, sufixo derivado do verbo *oritur*, gerar, surgir; a força que gera.

A episteme entra por todos os poros, desenrola novos. Está na ordem dos astros, das órbitas, da dança, de tudo o que se move: a anarquia orgânica é um desdobramento fractal do universo na sociedade humana. “Para este universo um dia ser o paraíso que já é”, como proferiu alguém em uma roda de conversa.

Epistemologia como ontologia: em ambas, sendo uma, o sujeito participa da constituição do real. O conhecimento começa a evaporar: a consciência se posiciona entre matéria e energia, entre visível e enunciável, como coprodutora daquilo que conhece. Envolver-se na fonte da fertilidade e participar da criação; habitar a imanência como uma célula atenta e ativa: natureza: ontologia plana, prática, quântica.

Compreender intelectualmente que o ser humano é apto a conhecer e experimentar em campos mais amplos e complexos que a razão é o começo embrionário de uma expansão a ser vivida. Por uma epistemologia que situe a ciência entre outras epistemes, não-científicas ou híbridas.

Eu amo não saber que horas são, não saber que dia é e acordar com o nascer do sol, dormir com o som das ondas e o tilintar das estrelas, escutar a natureza e conectar aos elementos de que somos feitos (Julz, Diário coletivo, 2018, tradução minha).⁵

Referências

- BEY, Hakim. **Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Editora Conrad, 1991.
- BERGER, Adam. **The Rainbow Family: an ethnography of spiritual postmodernism**. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Saint Andrews, Saint Andrews, 2006.
- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**. Cultura e Barbárie, Florianópolis, 2018.
- CROWLEY, Aleister. **Magick: in Theory and Practice**. Secaucus: Castle, 1991.
- DELEUZE, Gilles. **O atual e o virtual**. In: ALLIEZ, Éric. Deleuze: filosofia virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996.

⁵ *“I love not knowing what time it is, not knowing what day it is and wake up with the sunrise, sleep with the sound of the waves and the tinkling of the stars, listening to nature and connect with the elements we are made of”.*

_____. **O que é um dispositivo**. 1990. Disponível em: <<http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>>. Acesso em 26 nov. 2018.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**, vol. II. São Paulo: 34, 2007.

_____. **O que é a filosofia?**. São Paulo: Editora 34, 2007.

DIÁRIO COLETIVO. Conjunto de escritos coletados durante um encontro Rainbow brasileiro. Florianópolis, 2018.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ETIMOLOGIA DE NATUREZA. Gramática. Disponível em: <<https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-natureza/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FERRO, Carla. É necessário, o impossível. **Revista Cosmos e Contexto**, n. 29, 2017. Disponível em: <<https://cosmosecontexto.org.br/e-necessario-o-impossivel/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2013.

GOPAL. **Entrevista concedida a Noa Cykman**. Israel, outubro de 2016.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

LEVITAS, Ruth. **The concept of utopia**. London: Peter Lang, 2010.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 32, n. 94, e329402, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 dez. 2018.

_____. **Histórias locais, projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOVAES, Adauto (Org.). **O novo espírito utópico.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

PÉREZ, Leonardo Cancino. **Derivas y tensiones en la materialización de la utopía:** etnografía al movimiento Arcoíris en Chile. XIV Coloquio Internacional de Geocrítica -Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro. Barcelona, 2016. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/xiv-coloquio/LeonardoCancino.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental:** Transformações contemporâneas do desejo. Editora Estação Liberdade: São Paulo, 1989.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia e Sociedade.** v.2, n.21, 2009, pp. 166-173.

SHAY. **Entrevista concedida a Noa Cykman.** Israel, outubro de 2016.

SZTUTMAN, Renato. **Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência:** pensando com Isabelle Stengers. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais:** elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2016.